

A "Semana" faz 60 anos. Campinas já chegou a 1922?

*Há 60 anos
exatamente a 13 de
fevereiro de 1922
com uma
conferência de
Graça Aranha, era
aberta a Semana
de Arte Moderna,
no Teatro
Municipal de São*



*estabelecendo novos
e sólidos
referenciais para a
história literária
brasileira do
século. Apesar
disso, fora do eixo
Rio-São Paulo-Belo
Horizonte, o
espírito da Semana*



*Paulo. Entre
vaias, aplausos e a
solene indiferença
de vasta camada do
mundo cultural de
então, o espírito da
Semana se firmou,
difundiu-se e
acabou*



Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029780



grande centro cultural, é freqüentemente acusada de ter produzido nas últimas seis décadas uma literatura francamente romântica. Teria

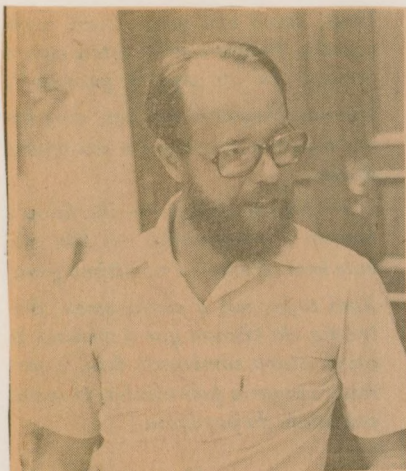
nunca chegou a se instalar completamente e há lugares que claramente ainda não chegaram a 1922. Mesmo Campinas, que é tida como um



faltado à cidade sentido de contemporaneidade? Para tentar lançar luz sobre o assunto, seis intelectuais prestam aqui seu depoimento.



A "SEMANA" faz 60 anos. Campinas já chegou a 1922? Correio Popular, Campinas, 14 fev. 1982.



Carlos Rodrigues Brandão*

Para Brandão, vivemos ainda numa cidade romântica

"Apesar do esforço de Mário de Andrade, que no seu tempo fez diversas viagens ao Interior para tentar divulgar a Semana, concordo em que o espírito moderno jamais se estabeleceu completamente fora das grandes capitais. Quer dizer, a Semana só chegou ao Brasil

através dos livros, mas o processo cultural produtivo de um modo geral perdeu o bonde da contemporaneidade.

Agora, alto lá! Não quero com isso dizer que a gente deva recuperar o espírito da Semana e retomar a marchinha pitoresca dos modernistas de 1922. Concorde em que 22 não deve ser esquecido, mas também não pode ser absolutizado. Depois da Semana houve a crise econômica de 1929, houve as revoluções de 30 e 32, houve Getúlio e a Segunda Guerra e houve principalmente a revolução tecnocrático-militar de 64, a que estamos particularmente atrelados. Somos de 64 e este é o marco de referência que nos serve. Por que devemos beber sociologicamente em 22?

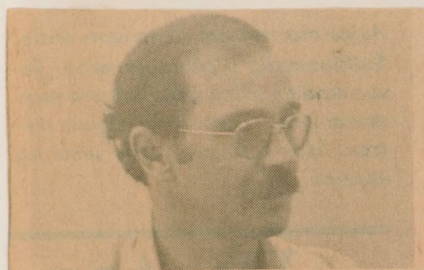
Creio que a Semana é hoje somente uma referência estética. No plano sócio-político, não há mais o que aproveitar. Estamos quase todos jogados na marginalidade, de modo que o nacionalismo bizarro de Oswald e Mário (ambos ligados à oligarquia do café), nem tampouco o parafascismo de Plínio Salgado podem nos oferecer qualquer coisa a nível político. Aquilo foi

uma reação antiparnasiana, antiromântica e antinaturalista, que foi válida na época, mas hoje estamos necessitando acima de tudo de uma grande reação a nível político e social.

Deve-se lembrar que o espírito de 22 foi retomado duas vezes: uma em 1930, com Cecília Meireles e Drummond, e outra em 1945, pela geração que incluiu novamente Drummond, João Cabral e outros. Oswald particularmente foi outra vez retomado em 1956, pelos concretistas, que trataram de exacerbar as exacerbações dele. O concretismo, como o modernismo, tinha algumas ligações bastante falsas a cerca da realidade e estava ligado a um ufanismo onde se incluíam Brasília e Juscelino, portanto de acordo com o compasso da política dele.

Creio que todas essas retomadas são hoje completamente inúteis, pois 64 as invalida. Se Campinas não chegou sequer a tocar o espírito de modernidade da Semana, não creio que deva fazê-lo agora. Deve procurar, isto sim, o seu próprio e novo sentido de contemporaneidade".

*Carlos Rodrigues Brandão é poeta, ensaísta e antropólogo



Jesus Antônio Durigan*

Durigan: "O mal é a proximidade de São Paulo"

"Vejo a coisa de duas maneiras. Em primeiro lugar, ninguém pode garantir que o espírito da Semana não tenha se estabelecido em Campinas. E em segundo, deve-se levar em conta que a vida editorial da cidade é ainda hoje totalmente dependente dos grandes centros.

Quanto ao primeiro aspecto, o que quero dizer é que ninguém pode garantir que não haja elementos isolados fazendo uma literatura de primeira linha sem, no entanto, encontrar os canais necessários para a sua veicula-

ção. E ainda que o encontrem, quase sempre ocorre que esse produto intelectual não recebe a mesma divulgação dos autores dos grandes centros, que são autores que participam de um certo ambiente capaz de facilitar o trânsito promocional.

Por que um autor como Edward Lopes, de Araraquara, continua praticamente desconhecido? E no entanto ele está em perfeita sintonia com o melhor espírito de modernidade, de acordo com a caracterização de Walter Benjamin, para quem moderno é todo aquele que se mostra um receptor inteligente das coisas que acontecem no momento.

Você me pergunta se a presença na cidade de intelectuais como Robert Schwartz, Modesto Carone e Carlos Vogt, entre outros, pode estabelecer novos parâmetros para a vida cultural de Campinas e eu respondo que sim. Essa presença deve a médio prazo transformar o nível da produção literária da cidade. Mas há outros fatores que também podem influir. O próprio surgimento de um suple-

mento cultural como este é um fator importante. E outros estímulos poderiam ser criados a nível político-administrativo, como o concurso literário da Fundepar, de Curitiba, que já revelou inúmeros ficcionistas hoje famosos e projetou culturalmente o Paraná.

Condições para que uma cidade "aconteça" culturalmente sempre existem, mesmo que ela se situe geograficamente à margem dos grandes centros, o que não é o caso de Campinas. Às vezes eu me pergunto se a proximidade com São Paulo, em vez de agir beneficentemente, não obscurece Campinas. Não estaria São Paulo sufocando a produção cultural da cidade, roubando-lhe todas as possibilidades? Desse mal padece menos, por exemplo, Ribeirão Preto. Em consequência da distância da Capital, Ribeirão é obrigada a produzir ela própria e a veicular sua cultura; em consequência, sua dinâmica cultural chega ser não raro mais interessante que a daqui".

*Jesus Antônio Durigan é diretor do Instituto de Linguagem da Unicamp

F. S. 08 1925 2. 2. 770
A "SEMANA" faz 60 anos. Campinas já chegou a 1925?
Correio Popular, Campinas, 14 fev. 1985.

Sampaio: "Percebo uma ebulição muito sintomática"

"Eu era menino de ginásio quando eclodiu a Semana de Arte Moderna. Lembro-me de que meus professores a receberam com tremendo desagrado, entre eles meu pai, que entretanto mais tarde chegou a escrever boa poesia modernista. Lembro-me também do ruído que se seguiu ao desembarque de Marinetti no Brasil, trazido pela mão de Graça Aranha, e das vaias que o poeta futurista acabou levando de volta para a Itália. Uma charge da época mostrava Marinetti embarcando de volta enquanto Graça Aranha, no cais, o convidava a retornar um dia. Marinetti respondia: "Nem de Graça, Aranha!"

Falei de meu pai, Benedito Sampaio, por uma questão de coerência histórica. Você disse que Campinas não entendeu o espírito da Semana?

Não é verdade. Benedito Sampaio escreveu seus primeiros versos modernistas já em 1925! Como tantos outros poetas acadêmicos, ele se deixou contagiar pelo versilibrismo, ou pelo espírito moderno, como você diz.

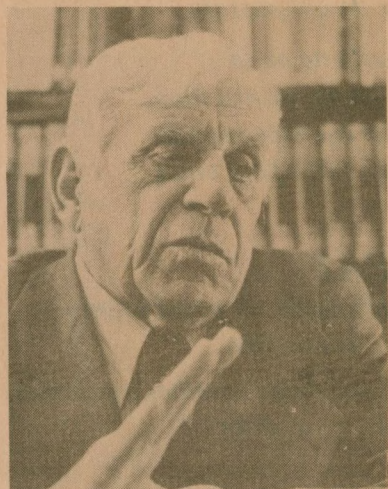
Da mesma forma, é perigoso garantir que outros intelectuais da cidade nada tenham aproveitado da experiência de Mário de Andrade, do Guilherme de Almeida e do Álvaro Moreyra. Eu por exemplo me confesso grande admirador do Mário. Leio com entusiasmo quase todos os modernos, a gente se apega a eles, embora não escreva necessariamente como eles.

De qualquer maneira, não creio que a qualidade da poesia ou da ficção dependa de escolas. Um bom soneto é preferível a um mau poema livre. Há também um neoclassicismo e um neacademismo de boa qualidade e não propriamente extemporâneo. Vejo na cidade,

no momento, certa ebulição cultural muito sintomática.

Percebo uma grande força na historiografia. Uma poesia que tem nomes como Heládio de Brito e Regis de Moraes não se pode considerar desafortunada".

**Francisco Ribeiro Sampaio foi durante 40 anos professor de Filosofia da Pucc*



*Francisco Ribeiro Sampaio**

Regis culpa o predomínio moral dos velhos mestres

“De 1935 a 1965, Campinas reuniu uma plêiade de grandes professores de Português e Literatura que eram declaradamente acadêmicos, inimigos ferrenhos, portanto, do ideal estético de 1922. Eram grandes professores, mas seus alicerces culturais eram um curioso vestígio do período áureo dos barões do café. Com isso os jornais e as estantes locais estavam recheados de sonetos e de romances esteticamente anacrônicos, o que, numa certa medida, permanece até hoje.

Tenho a obrigação de dizer que esta situação se vem alterando de uns tempos para cá. Fatores extras-literários concorreram enormemente para is-

so, como reabertura dos teatros (ao lado da abertura política) e a chegada à cidade de nomes como Rubem Alves, Robert Shwartz, Peter Fry e mais recentemente Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão. Está certo que muitos desses intelectuais não usam Campinas como sua comunidade de referência, mas o simples reflexo de sua contemporaneidade lança sobre nós um brilho benéfico.

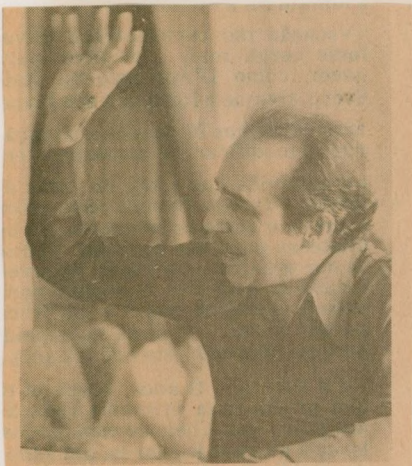
Creio que esses novos tempos são mesmo muito promissores. Nomes como Aécio Flávio Consolin, no romance, e Heládio de Brito, na poesia, começam rapidamente a ser tomados como parâmetros de um novo estágio cultural que a cidade, próxima de seu primeiro milhão de habitantes, começam a produzir. E o próprio surgimen-

to de uma editora como a Papyrus já é um sintoma de que a produção intelectual da cidade vai aos poucos encontrando meios de veiculação, sem depender tão umbilicalmente dos meios editoriais dos grandes centros. Oxalá essa situação se consolide”.

**Regis de Moraes é poeta, contista e ensaísta*



*Regis de Moraes**



*Carlos de Aquino Pereira**

Carlos de Aquino: “O que falta é ambiente editorial”

“A questão é se Campinas possui hoje núcleos de elaboração cultural compatíveis com suas dimensões urbanas e com seu status de cidade culta. Eu me pergunto: quantas cidades do Interior brasileiro podem ostentar o título de centro gerador de

cultura? Nenhuma. E se você pensar bem, verá que nem mesmo São Paulo, culturalmente nossa metrópole mais importante, possui núcleos em número compatível com seu tamanho e suficientemente organizados.

Você cita a Semana e então admito que há realmente uma lacuna, uma grande lacuna. Mas creio que ela será preenchida na medida em que as universidades se voltarem para a comunidade. Com isso quero dizer que é na universidade que se gera o fermento da elaboração cultural. O papel desempenhado no passado pelo Centro de Ciências, Letras e Artes, em Campinas, onde muitas vocações foram acalentadas no passado, passou a ser função da universidade.

Quer saber? Estou certo de que no ambiente universitário (e também fora dele, mas quase sempre sob sua influência) há muita gente produzindo literatura sinto-

nizada com o nosso tempo e simplesmente engavetando, ou por falta de estímulo ou pela inexistência de um ambiente editorial. Esse ambiente começa a partir do momento em que há um estímulo ao processo criativo.

Penso que parte da responsabilidade sobre a saúde cultural da cidade (e aqui incluo o conceito de contemporaneidade, que me foi proposto na pergunta) recai sobre os ombros do Poder Público. É bem verdade que nos últimos anos o Poder Público tem demonstrado uma sensibilidade muito maior para com a cultura e a arte. Mas é possível que falte um entrosamento mais consistente entre Poder Público e universidade. Unidos, funcionariam como um estimulador de produção intelectual muito mais eficiente”.

**Carlos Aquino Pereira é diretor do Instituto de Letras da Pucc e professor*

Otaviano: "Não se deve reeditar o espírito de 22"

"Apesar de decorridos 60 anos da Semana de Arte Moderna, pode-se dizer que Campinas é ainda hoje uma cidade romântica. Suas principais vertentes de cultura pouco ou nada têm a ver com 1922 e todo o movimento de descoberta de um Brasil não provinciano. Enquanto se cultua anualmente uma figura tradicional como Carlos Gomes, marcos importantes como a própria Semana permanecem no mais completo esquecimento. Quer um exemplo prático? Ninguém se lembrou, por exemplo, do primeiro aniversário de falecimento do ex-reitor Zeferino Vaz. E no entanto, foi um homem que deu à cidade uma enorme contribuição

Hantiprovinciana.

Você me pergunta como é possível a uma cidade economicamente bem situada e com a qualidade de vida de Campinas manter-se num plano de cultura tipicamente interiorano. Respondo que esta é uma sociedade composta de novos-ricos. Você já viu novo-rico ser culto? Vivemos ainda à sombra da memória do café, com valores culturais que tinham algum sentido no período de 1870 a 1930.

Mas concordo em que existem em Campinas, hoje, pólos de alteração desse estado cultural. Não creio que eles sejam a corporificação cultural de entidades como Pucc e Unicamp, mas sim o produto marginal que surge delas, geralmente gente jovem, que está a produzir nos porões. Essa gente está lon-

ge de representar a cultura oficial. Creio que o corpo intelectual que as duas universidades congrega muito colaborou para isso. E creio também que um fator cultural de maior importância vem sendo a Igreja, essa nova Igreja que redefine a cada dia suas relações com a sociedade e cria, sem dúvida, um indiscutível espírito de modernidade."

**Otaviano Pereira lançou recentemente o romance "País Provisório"*



*Otaviano Pereira**